

EDITORIAL

Por Francisca Ferreira Michelin Tutora Grupo PET-CR



Boletim Conservação e Restauro: para falar do tempo, da memória e do futuro.

Salvar, guardar, cuidar. São verbos que fazem parte do cotidiano do conservador e restaurador e que definem, ao fim e ao cabo, o que são essas pessoas: protetores da memória. Há generosidade implícita neste fazer, profissionalizado, tecnicizado, sistematizado ao longo do tempo, e em consonância com os dias modernos. Mesmo os conservadores que agem sobre seus bens, o fazem pensando no futuro, nos outros que virão e, seguramente, nãoconhecerão nem em sonhos, no que será deixado para o amanhã. Zelar sobre os vestígios do passado também denuncia outro aspecto da personalidade que busca este ofício: o da valentia que não resigna nem diante do inexorável. Quevenha o fim, dizem para si, em pensamento e vontade, tais pessoas: lutaremos. Sabedores da inevitabilidade da evanescência que assalta todos os corpos, vivos ou não, estes paladinos restituem o valor máximo que o vestígio, seja qual for, tem: a informação. Assim, os conservadores e restauradores marcham contra o tempo, munidos do escudo da ciência e aparelhados com as armas da técnica.

Sem tais ferramentas não podem lutar. No entanto, o que os anima é um sopro de imaginação, um delírio que clama a visão do passado, a esperança (inatendível) da viagem no tempo. Tanta bravura merece aplausos. Porém, quem os vê? O manto da invisibilidade os cobre, apesar de tão nobre e combativa função. Passeamos no museu, olhamos com admiração os mantos tecidos há cinco séculos, as figuras esculpidas há mil anos, o vaso restituído em cacos de um túmulo de cinco milênios. O nosso enlêvo não reconhece o esforço de restituição que dá sentido aquele vestígio humano, o incansável trabalho de manutenção que afasta a morte de cada peça, dia após dia. Que assim seja: não menos meritório é este ser apaixonado que vislumbra em cada coisa remanescente do passo, a presença da mão humana. Queremos saudar estes profissionais do presente. Sendo transcendentais, e não apenas moderninhos, fazem-se indispensáveis para a contemporaneidade flutuante e desenraizada na qual estamos. Enganam-se os que pensam deles o gosto pelo velho: amam, sim, a eternidade, o amanhã e aquilo que nos diz quem somos: a memória. Que este breve boletim tenha vida longa e possa falar da conservação e restauro como o fato de mais permanente atualidade no nosso meio. Que fale bem, com muita convicção e imensa alegria de ser o que é.

Expediente:

Editor(a) Cristiane Rodrigues

Autores:

Andre Maragno
Cristiane Rodrigues
Eduardo Araujo
Eloisa do Carmo
Francisca Michelin
Priscilla Lampazzi

Instituição:

Diretor: Prof. Sidney Vieira
Chefe de Departamento: Carla Gastaud
Coordenadora: Profª Silvana Bojanoski

GRUPO PET

Ana Carolina Kohn Behling
André Luis Maragno
Claudia Carvalho
Cristiane Rodrigues de Rodrigues
Eduardo Oliveira Araujo
Eloisa do Carmo Oliveira
Jairo Hardtke Kaster
Juliana Cavalheiro Rodighiero
Larissa Rodales da Fonseca
Mirella Moraes Borba
Pamela Pereira de Pereira
Priscilla Pinheiro Lampazzi
Társila Costa Rizzi
Tutora Francisca Michelin



PET  Conservação e Restauro
INFORMATIVO

II SEMANA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO



Por Cristiane Rodrigues Voluntária Grupo PET-CR

O PET realizou no mês de abril de 2014 a II Semana de Conservação e Restauro, nos dias 23, 24, 25 e 26, oferecendo palestras, oficinas e cursos que versaram sobre temas relacionados ao restauro científico e conservação preventiva.

A Semana contou também, na abertura, com a apresentação da banda «The Veritas». A palestra de abertura contou com a presença do conservador e restaurador Markus Wilimzig, que abordou os danos físicos, químicos e biológicos nos materiais de construção. As palestras foram sediadas no Museu do Doce da UFPel, cuja sede fica em um dos prédios históricos mais significativos da cidade de Pelotas. Segundo relatos, este edifício, conhecido como Casarão 08 (dado o seu endereço) pertenceu ao Conselheiro Francisco Antunes Maciel, foi construído em 1878 e hoje abriga, além do Museu, a Livraria Café da UFPel. No segundo dia de evento, ocorreu a palestra do Professor Weider de Assis Franco da Universidade Estadual do Norte Fluminense, que discorreu sobre a física aplicada ao estudo de pinturas, esculturas e cerâmicas. A palestra de encerramento foi ministrada pelo Conservador Antonio Gonçalves da Silva do Arquivo Nacional intitulada: Característica tecnológica dos adesivos empregada na conservação de acervo. Antonio também ministrou o curso sobre o «Emprego da Química na Conservação de acervo documental em suporte». Já o curso sobre Normatização Bibliográfica, contou com a participação do professor Altino Mayrink, Professor de Português e Biblio, que atualmente trabalha na superintendência do IPHAN/RS (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional). As oficinas foram ministradas

pelos professores, alunos e futuros profissionais da área de conservação e restauração de bens móveis. A oficina de Conservação de Acervos Museológicos foi ministrada pela professora Andréa Lacerda Bachettini. A oficina de Planejamento de Conservação de Acervos Bibliográficos e Documentais foi ministrada pela professora e atual coordenadora do curso Silvana Bojanoski. A conservadora restauradora Ângela Macalossi ministrou a oficina intitulada: Fotografia de obras de arte. Já as formandas do curso ministraram uma oficina sobre Embalagens para fotografias de acervo. A oficina sobre Técnicas de reintegração pictórica foi ministrada pela conservadora restauradora Cláudia Lacerda e a oficina de Biscuit pelo acadêmico Jairo Kaster. Os professores do Curso de Museologia Nôris Leal e Diogo Ribeiro também contribuíram com a nossa programação. O professor Diogo, juntamente com a Professora Silvana Bojanoski, coordenadora do curso de conservação e restauro, dialogaram com os presentes sobre a formação dos profissionais da memória. Já a professora Nôris Leal, contrinuiu com a oficina sobre a Regulamentação do Estatuto dos Museus. Entende-se que esse evento contribuiu significativamente para a difusão do conhecimento sobre a prática profissional do Conservador Restaurador, sobre o entendimento da complexidade dos conhecimentos que envolvem a salvaguarda dos bens e sobre a formação dos estudantes do curso de Conservação e Restauro.

PET CR-UFPel
Rua Lobo da Costa, 1877
CEP: 96010-150
Centro

Pelotas/RS

De Tudo Um Pouco: Arte, Cultura e Patrimônio

Por Eduardo Araujo Bolsista Grupo PET-CR



O projeto de extensão «De Tudo Um Pouco: Arte, Cultura e Patrimônio» foi criado pelo PET C&R em 2012, com o objetivo de gerar um ambiente favorável ao intercâmbio de experiências estéticas, filosóficas e científicas, gostos e preferências culturais e opiniões, histórias e pesquisas que visem ampliar o conceito de patrimônio, material imaterial, entre a comunidade, acadêmica ou não, do curso e de outras áreas.

O projeto organiza-se em encontros nos quais um convidado apresenta algum tema de seu interesse ou gosto, no formato que desejar, tendo como condicionante, apenas, o tempo de apresentação que não pode exceder 60 minutos e a disposição para a participação livre do público. Neste processo, no qual alguém pode contribuir sem mesmo falar (por exemplo, alguém simplesmente pode levar um filme e ao final, sugerir que o público converse entre si), tanto os apresentadores como o público definem, no curso da apresentação seu modo de participar. Ao todo, o encontro deve ter no máximo 2 horas. O tema do encontro é livre e a opção do convite é sempre sugerida por alguém do grupo que encontra em determinada pessoa a oportunidade de ver um tema contemplado de modo diverso. De tal modo, o debate também ocorre livremente, compondo no curso desta liberdade, possibilidades diversas, diálogos imprevistos e relações que antes não se estabeleceriam. Para viabilizar o maior número de participantes, o projeto acontece no período vespertino.

A liberdade temática favorece a interdisciplinaridade, a amplitude das sugestões incentiva os interesses múltiplos, diluindo a especialização precoce e o contato com a comunidade externa à academia contribui para o incremento de uma formação mais atenta à sociedade e também mais cidadã. Sobretudo, destaca-se que o projeto trabalha no sentido de promover, através da extensão, a experiência da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A visão ampla de mundo, a consciência sobre os valores simbólicos dos bens culturais e a compreensão dos contornos particulares

das culturas, são habilidades passíveis de serem conquistadas, de modo a sugerir ao profissional em formação um perfil flexível, reflexivo, mediado pela diversidade e pela capacidade de reconhecimento dos valores simbólicos dos bens. Nesta medida, o projeto contribui para a formação de profissionais capazes de se relacionar e argumentar com pessoas das mais diversas áreas. Este projeto também estimula o discente a ampliar seus conhecimentos pela universalização de temas populares e eruditos abordados durante os encontros promovidos.



Na foto, Álvaro Leonardi Ayala Filho. Professor do curso de Física da UFPel e Tutor do PET-Física.

Oficina de Ciência

Por Eloisa do Carmo Bolsista Grupo PET-CR



O projeto de ensino “Oficina de Ciência” foi criado em 2012 com o intuito de aumentar a participação do corpo discente do Curso de Conservação e Restauro em projetos extracurriculares e com a meta de contribuir para a melhoria da qualidade técnica dos alunos do curso. A partir de uma avaliação interna realizada em 2012, pôde-se traçar um perfil geral do aluno. Por ser um curso noturno, a grande maioria dos ingressos trabalham durante um ou dois períodos diurnos, o que dificulta a sua participação em projetos de ensino, pesquisa e extensão, já que o período noturno é preenchido com disciplinas obrigatórias e optativas. Dessa forma, se observou que a maior parte dos alunos tem pouca disponibilidade de tempo para dedicar às atividades do curso. Agrava-se o fato porque parte deste grupo de trabalhadores possui como renda o seu trabalho. Observou-se, também, que esta circunstância impacta o desenvolvimento dos trabalhos de conclusão de curso. Percebendo a grande dificuldade dos discentes em preencher a carga horária extracurricular e participar e desenvolver trabalhos acadêmicos e científicos, e visando o compromisso de melhoria do curso de graduação, o grupo PET-C&R desenvolveu um projeto de ensino que pudesse acontecer no final do período diurno (das 17h às 18h30), com frequência quinzenal. Esta flexibilização de horário deveria permitir alcançar o maior número de participantes do curso. Por outro lado, o título “oficina de ciência” observou contemplar o caráter prático da ação. Os temas selecionados contemplavam aspectos que se observou serem os de maior dificuldade para o aluno no momento da formatação dos seus trabalhos acadêmicos e científicos, a sua formatação segundo Normas Brasileiras (NBR), a redação e a apresentação oral. Os ministrantes das oficinas foram os próprios petianos que, com base em estudos prévios, orientados pela tutora, montaram seus esquemas de trabalho e realizaram as oficinas, compartilhando com o público, ainda que de forma condensada, o conhecimento adquirido. Todas as etapas de preparação e realização das oficinas foram analisadas e avaliadas, tanto pela tutora, como por todos os petianos (inclusive o ministrante) e pelo público. Através das práticas exercidas dentro das oficinas de ciência, esperou-se obter, como resultados, a maior participação dos alunos ministrantes em apresentações de trabalhos em eventos como a Mostra Científica Anual da UFPel, além da melhora na apresentação de trabalhos das próprias disciplinas do curso, e também do TCC.

Além disso, o projeto visava aumentar a qualidade do aluno no preparo de um projeto de pesquisa, impactando nas possibilidades de concorrência e programas de pós-graduação, diminuindo a evasão observada nos últimos semestres do curso e, por fim, melhorando a qualificação acadêmica dos alunos.



Na foto, Priscilla Lampazzi. Acadêmica e Bolsista PET CR, ministrando suas oficina sobre formatação de trabalhos acadêmicos.



ENTREVISTA



Por Priscilla Lampazzi Bolsista Grupo PET-C&R

Entrevistada: Professora Silvana Fátima Bojanoski: Graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (1991), Especialização em Conservação de Obras em Papel (1998), Mestrado em História (2007). Em 2014 iniciou doutorado no Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Atua como professora do curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, responsável pelas disciplinas da área de conservação e restauração de papel e coordena o Laboratório de Conservação e Restauo de Bens Culturais em Papel. Experiência na área de arquivos e bibliotecas, com ênfase em preservação, atuando principalmente nos seguintes temas: acervos documentais, acervos bibliográficos, conservação, conservação preventiva e restauração. O tema da entrevista foi a II Semana de Conservação e Restauo organizada pelo grupo PET Conservação e Restauo em 2014 e a visão dela sobre a profissão.

A Revolução tecnocientífica iniciada no século XIX contribuiu muito para os avanços obtidos atualmente na tecnologia do presente. No âmbito da Conservação, a partir do momento em que você começou a trabalhar na área até os dias de hoje, que tipo de avanço você nota tanto de aparelhagem para suporte, para a pesquisa na área da conservação?

A meu ver existem sim alguns avanços técnico e científico na área da conservação no Brasil, mas ainda são muito pontuais, concentrados em algumas poucas instituições, não é algo que tenha se disseminado por todas as instituições ou faça parte da realidade da maioria dos profissionais que atuam na área. A barreira da língua sempre foi, e continua sendo, um problema para acessar e acompanhar os avanços já alcançados em centros de pesquisa mais avançados. Fora do Brasil a ciência da conservação já avançou tanto, especialmente sobre os materiais constituintes dos bens culturais, que já existem críticas sobre um cientificismo ou tecnicismo que determina as tomadas de decisões exclusivamente em técnicas e exames dos materiais. A questão é se de fato a conservação e restauração possui uma metodologia científica, pois usar equipamentos e laboratórios sofisticados não significa que os profissionais estejam pautando suas decisões em critérios científicos. E os princípios estabelecidos lá no século XIX, de documentação, respeito à integridade histórica e estética, uso de materiais reversíveis, etc, estão relacionadas muito mais com questões éticas, e não necessariamente podem ser consideradas como parte de uma metodologia. E mesmo esses princípios éticos, frequentemente são ignorados ou não são entendidos por muitas pessoas que atuam no campo da conservação e restauração, e ainda trabalham de forma empírica e experimental. Ou seja, no Brasil a área ainda precisa de fato se estruturar a partir de conhecimentos e metodologia científica, de discussões conceituais e éticas, e claro, no uso das tecnologias já existente.

No mês de Abril foi realizada a II Semana de Conservação e Restauro na qual dois palestrantes específicos: Markus Wilimzig e Roberto Weider ministraram temas de caráter extremamente técnicos, específicos em química, biologia e física. São temas distantes dos alunos do curso de Conservação e Restauro, talvez pelo perfil do aluno estar mais ligado à prática e às disciplinas das humanidades. Como você vê esse direcionamento do estudante para a sua formação e como tenta trabalhar isso em suas aulas?

Os cursos de graduação no Brasil, por serem tão recentes, ainda precisam descobrir como ensinar a conservação e restauração, e dar conta das múltiplas exigências para formar o profissional conservador-restaurador. E os cursos também precisam estruturar as áreas que conformam a conservação e restauração, que tem um pé nas ciências mais técnicas e outro nas humanidades. O profissional conservador-restaurador deve ter uma formação sólida nas duas áreas, e o desafio dos cursos de formação é garantir que o aluno seja capaz de entender os objetos e acervos dentro da sua especificidade de sentidos e significados que a sociedade atribui ao bem cultural e, além disso, ter um profundo conhecimento sobre os materiais e os seus processos de degradação. Uma terceira exigência é o conhecimento e domínio das técnicas específicas de conservação e restauração, que para serem aplicadas necessitam habilidades manuais. É importante lembrar que hoje em dia os procedimentos de conservação e restauração tendem a ser realizados por uma equipe multidisciplinar, em que cada profissional contribui com o seu conhecimento específico. Nesse sentido o conservador-restaurador deve ter um conhecimento, seja de química, física, biologia, e também artes, história, museologia, etc., que permita o diálogo com os outros profissionais que deveriam participar destas equipes.

Já ouvi você falar sobre a dificuldade de orçar determinado tipo de maquinário em três fornecedores diferentes. Em sua opinião, não há investimento de indústrias nacionais nesse tipo de produção por qual motivo? A realidade do Brasil no âmbito da conservação encontra-se muito distante do que você visa como ideal?

Sim, temos muita dificuldade em comprar os equipamentos e materiais específicos para a conservação e restauração no Brasil, porque de fato não temos fornecedores. E eles não existem porque simplesmente não tem um mercado. As nossas instituições culturais em geral trabalham com escassos recursos e não têm capacidade de compra. Assim umas raras empresas subsistem, algumas importando materiais que se tornam caros por conta das taxas e impostos. Também não temos no Brasil a tradição de realizar testes e exames para avaliar a qualidade do que se importa, ou do que se produz aqui mesmo. Isso tudo dificulta a aquisição dos materiais com as exigências para a conservação e restauração.

Por motivos financeiros, de interesse ou até mesmo desconhecimento, a conservação curativa se faz mais presente do que a preventiva em um contexto nacional, o qual se refere tanto às pequenas comunidades como às grandes metrópoles. Levando em conta sua experiência profissional em Instituições, como você identifica essa questão de prioridade na hora do tratamento? Isso é resolvido pela equipe, pela instituição, ou por quem?

O Brasil segue uma linha tradicionalmente intervencionista com foco no tratamento do objeto, existindo um forte apelo pela restauração por conta dos resultados vistosos que ela propicia. Hoje em dia fala-se muito em conservação preventiva, mas em minha opinião, trata-se muito mais de um discurso que ainda não foi de fato assimilado pelos profissionais e tampouco implantado nas instituições. A conservação preventiva não é um procedimento isolado, não basta providenciar um acondicionamento ou a limpeza do acervo. A conservação preventiva está relacionada com a política de preservação da instituição, tem que ser assumida pelos dirigentes, envolver os responsáveis pelos acervos, e todos os demais que trabalham ali. Deve ser pautada por um diagnóstico que identifique os problemas existentes e uma metodologia correta que aponte as prioridades e proponha soluções adequadas para cada situação. Observa-se uma tendência a achar que a conservação preventiva é simples, no entanto ela extremamente complexa, porque exige profundo conhecimento dos acervos, dos materiais que constituem o acervo, dos processos de degradação, da missão e função da instituição, do seu público, das características dos prédios que abrigam o acervo, e ainda gestão de recursos financeiros e humanos. Caberia ao conservador-restaurador defender e priorizar essa abordagem dos acervos, pois, de acordo com o nosso código de ética, "O conservador-restaurador deve levar em consideração todos os aspectos relativos à conservação-preventiva, antes de intervir em quaisquer bens culturais e sua iniciativa deverá restringir-se apenas ao tratamento necessário."

Você que acompanha há alguns anos a trajetória da Conservação, como imagina e espera que seja a realidade daqui a vinte anos? Acha possível ser extinto o suporte do livro em papel pela transformação geral para o digital? Se sim, no que implicaria isso, a seu ver, no trabalho do conservador?

Difícil prever o futuro, no máximo pode-se ter a esperança de que em vinte anos a situação do Brasil esteja melhor, ao menos com profissionais conservadores-restauradores mais preparados para atuar nas instituições e na prestação de serviços na área do patrimônio cultural. As novas tecnologias não são necessariamente uma ameaça, provavelmente haverá a coexistência dos suportes de informação. Na verdade a tecnologia, especialmente com o desenvolvimento da informática, coloca novos problemas para a conservação, pois os suportes e materiais modernos trazem em si uma degenerescência difícil de resolver, muito mais complexa do que os suportes tradicionais, como é o caso do papel e dos livros. Por outro lado o mundo digital possibilita infinitas possibilidades de disseminação da informação, como nunca antes a humanidade viu. A questão é se essa excessiva disponibilidade de informação pode se transformar ou não em conhecimento.



Quer saber mais?!



Por Andre Maragno Bolsista Grupo PET-C&R

Gosta de Artes, mas também de Química, Biologia? Se sente bem em ateliês, mas também em trabalho de campo, viagens e quer ficar longe da rotina? Se você for muito paciente e não se incomodar com luvas, máscaras e muita pesquisa, Conservação e Restauro pode ser o que você está procurando. Com caráter interdisciplinar, o curso, oferecido pela Universidade Federal de Pelotas, tem muito a oferecer. Com uma base teórica fundamentada em história, artes visuais e patrimônio histórico, o estudante entra em contato com metodologia e técnicas de conservação desde o primeiro semestre. As aulas são dadas em salas, laboratórios, ateliês ou ainda são feitas em visitas técnicas e sítios históricos e museus. Conhecimentos de informática, fotografia e experiência em documentação são tão importantes quanto habilidades práticas de restauro. Os três principais eixos do curso - papel, madeira e pintura- fornecem ao aluno bases para atuar também em outras áreas, que incluem desde arqueologia até conservação preventiva. O estágio obrigatório fornece confiança na prática com o uso de materiais e técnicas utilizadas aprendidas durante a graduação, o que é essencial para os primeiros passos no mercado de trabalho, cujas perspectivas crescem no Brasil em função do aumento do consumo de arte e da pequena quantidade de profissionais especializados. Museus, institutos estaduais, municipais, centros de pesquisa e acervos particulares são alguns dos muitos campos de trabalho para o profissional, embora a fusão de conhecimentos, como informática e nanotecnologia, sejam grandes diferenciais para profissional do futuro em suas atuações.

